

PSICOTERAPIA: EXPERIENCIAÇÕES DE UM ATENDIMENTO NA SAÚDE PÚBLICA.¹Daniela Tedesco²Chancarlyne Vivian

Resumo

INTRODUÇÃO: O curso de psicologia pertence a área das ciências da vida e da saúde e a formação para tanto exige o Estágio Curricular Supervisionado. Este, foi realizado em um Centro Especializado em Saúde (CES) com o objetivo de promover a atenção à saúde mental das pessoas que necessitam de atendimento psicológico naquele espaço, proporcionando uma atmosfera psicoterapêutica de liberdade para experienciar o seu jeito de ser, diante das suas singularidades e observando com cuidado, numa relação terapêutica horizontal de confiança, da totalidade, da pessoa como um todo, levando em consideração a realidade biopsicossocial que a envolve. O estudo teve como arcabouço teórico os pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) preza pela “dignidade e valor da pessoa na sua busca pelo crescimento” (Rogers, 1983, p.24). A pessoa “é um ser em processo, em movimento, dinâmico, em construção, nunca passível de ser esquematizado redutivamente”(Schutz, 2016, p. 25), possui recursos próprios para superar as condições existenciais adversas (Schutz, 2016). A psicoterapia “a interação rica do relacionamento psicoterapêutico” (Santos, 2004, p. 15) entre a pessoa e a(o) psicoterapeuta sendo que a relação de confiança é um dos

elementos cruciais para o processo terapêutico. É o "encontro de duas pessoas, no qual o terapeuta é aberta e livremente ele próprio e evidencia isto talvez mais completamente, quando ele pode livre e com receptividade entrar no mundo da outra" (Schutz; Itaquí, 2016, p. 27). Os pressupostos fundamentais da ACP: Tendência atualizante: há na pessoa um potencial e todos os recursos para se desenvolver, (Rogers, 1983, p. 38); Não-diretividade: o terapeuta "não oferece sugestões sobre o que a pessoa deve fazer" (Santos, 2004, p. 60). Para isso, a atmosfera terapêutica quanto calor humano, postura ética, de compreensão, de presença, pertencimento e segurança que a pessoa não se sinta julgada, pressionada ou minimizada em seus sentimentos ou nas expressões das emoções diante das suas experiências de vida (Schutz; Itaquí, 2016). A(o) psicoterapeuta cabe as atitudes facilitadoras da congruência (Santos, 2004, p. 20-21), da consideração positiva incondicional (Pinto, 2021, p. 18) e a compreensão empática em relação a pessoa poder ser ela mesma, sendo respeitada sem julgamentos (Pinto, 2021, p. 20). Cabe a(o) psicoterapeuta o acolhimento e a escuta, ou seja, "escutar, ver e sentir o outro ativamente" com a atenção às verbalizações ou expressões em desenhos, expressões faciais ou corporais e no silêncio. Jungido a isso, a formação da personalidade da criança assim se apresenta: a realidade para a criança se apresenta diante do foi experienciado por ela; diante desta realidade, a criança potencializa o seu desenvolvimento como um todo e se movimenta na satisfação de suas necessidades na sua totalidade, sendo que as experiências vivenciadas, com base na tendência atualizante, poderão ser positivas ou negativas e assim, vindo a evitar ou procurar por experiências por ela percebidas (Rogers; Kinget, 1977). Para isso, o brincar valoriza a liberdade nas brincadeiras, sem direcionamentos por parte da(o) terapeuta para que a criança se sinta "livre para reconhecer e elaborar suas experiências e sentimentos pessoais" (Rogers; Kinget, 1977, p. 46). Isso, facilita a criança vivenciar e expressar o seu jeito de ser diante das adversidades e conquistas que a brincadeira apresenta fazendo que com as alegrias, as frustrações, os

medos aflorem podendo ser construídas ou não nas relações sociais e de afeto da pessoa.

3.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: Foram realizados catorze atendimentos psicológicos de psicoterapia, Entrevista de Anamnese e Devolutiva com a pessoa responsável legal sobre as demandas, estudos sobre a ACP relacionados às demandas da pessoa e sobre intervenções a serem aplicadas ou não diante do contexto biopsicossocial.

4.ANÁLISE E DISCUSSÃO:As demandas da pessoa surgiram com verbalizações e expressões na interação das atividades/brincadeiras escolhidas livremente. O tempo de atenção e foco eram de no máximo, um minuto. Vislumbrou-se o comportamento inquieto e agitado constantemente de um modo desorganizado e ansiógenos, sendo que ao mesmo tempo, falas sobre conteúdos de vídeos aos quais assistia no aparelho de celular. Como intervenção, buscou-se o livre brincar utilizando-se do pressuposto da não-diretividade de brincadeiras e das atitudes facilitadoras de compreensão empática e consideração positiva incondicional para estar com a pessoa, junto dela, acolhendo e promovendo o estabelecimento de vínculo, observar sem julgamentos, sem manifestações que pudessem prevalecer sobre a vontade ou as demandas a serem expressadas. Esperava-se a agitação, a inquietação e o movimento estivessem presentes em seu comportamento. Seus movimentos quanto aos pensamentos, verbalizações hostis, movimentos corporais acelerados e desorganizados no espaço em que se encontrava, bem como, a demanda quanto ao tempo de exploração das atividades que lhe despertassem o interesse para tanto precisavam ser acolhidos e observados. Observou-se o uso e as apropriações das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) (Tocantins; Wiggers, 2021). O silêncio na atmosfera terapêutica propiciou uma organização por iniciativa da pessoa e o que era desorganizado, bagunçado, acelerado tanto em movimentos corporais, falas ou expressões, passou aos momentos de silêncio acompanhado com o livre brincar, à livre escolha da pessoa. O silêncio remete a “um limite para a sua própria fala quando a pessoa já entregou o que queria ou quando falou demasiado, prefere calar-se”

(Schuts; Itaqi, 2016, p. 82). A diminuição das expressões de emoções de raiva, dores ou angústias manifestadas no espaço psicoterapêutico para os movimentos de sua tendência atualizante em direção a autorrealização. Sabe-se que os fatores hereditários, orgânicos, fisiológicos, a família, influências culturais e sociais e a interação entre eles devem ser observados para compreender o funcionamento dela em sua totalidade (Rogers, 1978). Facilitar a experiência de vida da pessoa em relação às pessoas de seu convívio e aos sentimentos aos quais se tornaram acessíveis à sua verbalização no ambiente psicoterapêutico, consciência para identificar e verbalizar quando e com quem sente a tristeza, a raiva, a confiança, traduzindo a sua verdade. A versão de sentido (Amatuzzi, 2010) se faz ao experienciar o encontro com a pessoa, a importância da relação de confiança, do vínculo estabelecido e a aceitação da pessoa que podem influenciar na formação da personalidade no sentido do crescimento na sua totalidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: As experiências mostraram que o atendimento voltado ao cuidado da pessoa, diante da singularidade, da totalidade e das verdades de vida de cada uma delas, no ambiente psicoterapêutico se torna essencial para promoção de movimentos de cura, de responsabilização pela vida, de autorrealização, de superação e do entendimento do jeito de ser de cada um. O objetivo de proporcionar à pessoa uma relação de confiança, tempo e espaço para sentir e experienciar vivências, seja com crianças, adolescentes e/ou adultos, as percepções de movimentos da pessoa quanto aos pensamentos, sentimentos e no modo de sentir a vida enquanto possibilidade de mudança constante.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro M. Por uma Psicologia Humana. 3. ed. São Paulo: Alínea, 2010.

PINTO, Marcos A. da S. (org). Abordagem Centrada na Pessoa e Algumas de suas possibilidades. Vol II. Organizador: Marcos Alberto da Silva Pinto. All Pint

Editora- São Paulo/2021. ROGERS, Carl. R.; KINGET, M. K. (1977). Psicoterapia e Relações Humanas. Teoria e Prática da Terapia Não-Diretiva. (2a ed., vol. 1). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1959)

ROGERS, Carl R. O tratamento clínico da criança problema. Tradução: Urias Corrêa Arantes. Revisão: Laura Vilaares de Freitas. São Paulo: Martins Fontes, 1978

SANTOS, Antonio Monteiro dos; ROGERS, Carl R.- 1902-1987; BOWEN, Maria Constança Villas-Boas. Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Vetor, 2004. 161p.

SCHUTZ, Daiana Meregalli; ITAQUI, Luciara Gervasio. O silêncio na psicoterapia à luz da abordagem centrada na pessoa. Rev. NUFEN, Belém, v. 8, n. 1, p. 76-90, 2016. Disponível em

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912016000100006&lng=pt&nrm=iso)

[25912016000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912016000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 02 abr. 2024.

TOCANTINS, G. M. DE O.; WIGGERS, I. D.. Infância e mídias digitais: histórias de crianças e adolescentes sobre seus cotidianos. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7WPxPVRvCdrPJ5RqnkXn8Hb/#>.

¹E-mail:dantede80@gmail.com; ²E-mail:chancarlyne.vivian@unoesc.edu.br